

# ENTERRAMENTOS MEDIEVAIS NAS IMEDIAÇÕES DE S.<sup>ta</sup> MARIA DOS OLIVAIS (TOMAR)

por

Salete da Ponte e Judite Miranda

**Resumo:** A actual zona de S.<sup>ta</sup> M.<sup>a</sup> dos Olivais, situada nos terrenos do antigo olival "Cerrada do João do Couto", foi, no período romano, a cidade privilegiada dos vivos — antiga cidade romana de *Sellium* — para passar, no tempo medievo, até à Reconquista, ao espaço sagrado, reservado à oração e ao sono eterno do homem.

A desagregação e morte do império romano provoca, na Península, um clima de instabilidade e de insegurança das populações, a fuga e consequente despovoamento dos centros urbanos e suburbanos. A passagem da horda bárbara-vândalos, alanos e suevos no séc. V d.C. aniquila cidades, vilas e aldeias. *Sellium* sofre a mesma sorte de tantas outras cidades da Lusitânia Romana - destruição e morte do núcleo urbano. Assim, este terreno torna-se desde então a área apropriada para sucessivos enterramentos. Digamos que após a morte de *Sellium*, esta tornou-se num vasto cemitério. Confirmam-no enterramentos de inumação, desde o séc. V ao séc. XVI d.C. por toda esta área, alguns dos quais perfeitamente datados pelos objectos pessoais que os acompanhavam.

Os enterramentos de inumação da comunidade romano-visigótica ocupavam, portanto, conforme nos atestam os próprios testemunhos arqueológicos, o terreno de Santa Maria dos Olivais.

Desconhecemos, no entanto, onde se situaria o cemitério árabe. São poucas as informações sobre a vida e morte das populações locais durante os sécs. VIII-IX nesta zona intermédia entre os rios Mondego e Tejo.

É suposto conjecturar que o cemitério muçulmano situar-se-ia nas imediações da Almedina ou Cerca, sem que para tal suposição haja documentação histórica segura. O cemitério cristão situado no terreno de Santa Maria dos Olivais tornou-se, no último terço do séc. XII, mais exactamente no tempo de D. Sancho I, no local onde todos os cristãos enterravam os seus mortos. Foi assim a partir dessa altura que este local sagrado, restrito aos Cavaleiros da Ordem Templária, se tornara extensivo a toda a comunidade cristã. Assim o provam os testemunhos arqueológicos exumados em 1990/1992.

**Palavras-chave:** Santa Maria dos Olivais. Enterramentos. Alta Idade Média.

## 1. O ESPAÇO

A actual igreja matriz de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais situa-se na margem esquerda do Nabão, nos terrenos do antigo olival da *Cerrada do João do Couto*, onde romanos e, depois, os povos da Alta Idade Média, se fixaram e viveram até à chegada dos Templários.

A documentação régia e senhorial medieva menciona o edifício religioso de S.<sup>ta</sup> Maria<sup>1</sup>, por igreja de Nossa Senhora do Olival ou Olivais que, foi Bailia, Convento e Panteão dos Grãos-Mestres das Ordens do Templo e de Cristo. A referência a *Olival* e *Olivais*<sup>2</sup> aparece tanto em documentos da época da Reconquista, como posteriormente em crónicas setecentistas<sup>3</sup>. Tal facto, deve-se à existência de uma vasta área de olivais, que reunia um conjunto de edifícios religiosos construídos durante o domínio visigótico, mais exactamente no ano de 640 por S. Frutuoso, arcebispo de Braga<sup>4</sup>. Este clérigo fundou dois mosteiros, um de Frades Beneditinos, chamado de “monges negrados” ou de S.<sup>ta</sup> Maria do Selho - “Celho”<sup>5</sup> -, no local onde hoje existe a igreja de S.<sup>ta</sup> Maria do Olival e, outro de Freiras Clarissas, onde se situa hoje S.<sup>ta</sup> Iria, ambas as construções nos terrenos do antigo olival da “Cerrada do João do Couto”. As fontes escritas e a tradição oral<sup>6</sup> referem ainda que, sob o domínio visigótico, fora construído um outro templo cristão entre aqueles 2 conventos<sup>7</sup> - a igreja de S. Pero Fins, onde hoje é o velho cemitério<sup>8</sup>.

Em suma, o terreno dos Olivais, após a morte da cidade-capital da *civitas* de Sellium (Tomar), tornou-se para os visigodos e, depois para os cavaleiros da Ordem do Templo, lugar sagrado com um espaço cemiterial, o chamado *habitat in vicino*, local onde se erguia a igreja paroquial.

Os testemunhos arquitectónicos e artísticos dos edifícios religiosos medievais associados aos recentes dados arqueológicos, apontam para uma nova

<sup>1</sup> Cf. Tombo da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais, referido por VIEIRA GUIMARÃES, *Thomar St.<sup>a</sup> Iria*, Tomar, p.183; Cf. ROSA (Amorim), *História de Tomar*, Tomar, 1965 (1.<sup>a</sup> ed), p. 22; Cf. SANT-IAGO (Fr. Francisco de), *Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*, Lisboa, 1762, p. 829.

<sup>2</sup> Inquirição de D. Dinis de 1317 (jurado Pero Pombo), Arq. A.N.T.T., Gaveta XV, maço 3, n.<sup>o</sup> 15, fez referência a S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais e Olival; *Mestrados*, fl. 93v. (transcrito por V. Guimarães, *op. cit.* (nota 1), pp. 104-107.

<sup>3</sup> Cf. SANTIAGO (Fr. F. de), *op. cit.* (nota 1), p.829; Cf. Citações do cronista do séc. XVI, Pedro Álvares Seco no Tombo da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria do Olival.

<sup>4</sup> Cf. Tombo da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria do Olival onde o cronista Pedro Álvares Seco fez essas menções historiográficas.

<sup>5</sup> Cf. VIEIRA GUIMARÃES (nota 1), *op. cit.*, p. 184

<sup>6</sup> Cf. Inquirição de D. Dinis de 1317, *op. cit.* (nota 2)

<sup>7</sup> Cf. SANTIAGO (Fr. F.), *op. cit.*, (nota 1), que data o mosteiro beneditino de S.<sup>ta</sup> Maria do Selho no ano de 640, fundado por S. Frutuoso: Cf. SANTA MARIA (Fr. Agostinho), *Santuário Mariano*, T.I, Lisboa, 1711, p.461, que atribuí a fundação a S. Frutuoso, mas filia-os na Ordem Augustiniana; Cf. PURIFICAÇÃO (Frei António da), *Chronica de Antiguissima Provincia de Portugal*, 1642, onde o autor aponta como fundador Paulo Orósio, em meados do séc. V d.c.

<sup>8</sup> Cf. Tombo da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria do Olival, Arquivo Nac. T.T.; CF. FIGUEIREDO E SILVA (Eugénio Sobreiro de), Os cubos, “Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo”, Lisboa, 1943, 2, pp. 135-145 (p.135). O autor refere que a capela de S. Pedro Fins foi reconstruída no séc. XVII e demolida nos meados do séc. passado que se encontrava dentro do actual cemitério.

mentalidade religiosa da população cristã, caracterizada pelo espírito e pelas normas litúrgicas e, também pelas atitudes e formas devocionais.

## 2. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Os testemunhos arqueológicos encontrados nesta extensa faixa de terreno, apontam para a presença de povos célticos, sobretudo através de cerâmica, da ourivesaria e dos vestígios de habitação<sup>9</sup>.

Esta comunidade praticava o rito de incineração, depositando no interior das suas casas urnas cinerárias com cinzas dos seus mortos<sup>10</sup>; posteriormente, este lugar foi ocupado pelos romanos, sendo, no tempo do imperador *Augusto*, fundada a cidade-capital de *Sellium*<sup>11</sup>, onde o Forum representava a política e a mística do império romano.

As inscrições epigráficas romanas provam que na área urbana existiram alguns templos dedicados ao culto de *Vénus*, de *Fortuna*, de *Marte*, de *Pietas Augusta* e de *Nava* ou *Nabam*<sup>12</sup>.

O culto municipal e imperial estão igualmente documentados pela epigrafia<sup>13</sup> e pela escultura<sup>14</sup>. Porém, o lugar de repouso dos mortos é ainda uma incógnita para os investigadores.

A torre quadrangular, defronte da igreja de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais, repousa em alicerces argamassados, com a mesma orientação ortogonal das construções romanas de *Sellium* (Fig.1). Aquele monumento, ao nível do solo, repousa num envasamento formado por silhares regulares e quadrangulares, lembrando os socos de templos e mausoleús romanos. É provável que a torre de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais tenha sido ou um templo ou um mausoleú- cenotáfio<sup>15</sup>. Esta construção sugere a mesma ambiência de outros três monumentos romanos, de difícil iden-

---

<sup>9</sup> Cf. PONTE (Salette da), Estação arqueológica na Rua Carlos Campeão: relatório preliminar de 1982/83, "Arqueologia na Região de Tomar (da pé-história à actualidade)", 1985, 1, pp. 89-101.

<sup>10</sup> Cf. *id. ibidem*, p. 92, fig. 6.

<sup>11</sup> Cf. *id. ibidem.*, Tomar e o seu Território - Problemática e perspectivas futuras, "Actas do Seminário "O espaço rural na Lusitania. Tomar e o seu Território", 1989, Tomar, 1992, pp. 25-29 (= O espaço rural); Cf. JORGE DE ALARCÃO, O território de Sellium, Actas do Seminário "O espaço rural na Lusitania. Tomar e o seu Território (1989)", Tomar, 1992, pp. 9-23.

<sup>12</sup> Cf. Ponte (Salette da) A cidade: memórias e sobrevivências históricas "Bol. Cultural", Tomar, n.º18, Março 1993, pp. 145-157 (p. 148); Cf. JORGE DE ALARCÃO, O domínio romano, *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, vol. 1, pp.342-489 (pp. 447-448).

<sup>13</sup> Inscrição dedicada ao Génio do Município, elevando *Sellium* a *Municipium* - Cf. *O espaço rural, op. cit.*, (nota 11).

<sup>14</sup> Cabeça póstuma do Imperador Augusto (Cf. *O espaço rural, op. cit.*, (nota 11)).

<sup>15</sup> O cenotáfio é um monumento funerário que não era usado para a deposição de restos mortais, mas erigido e dedicado à memória do morto.

tificação - a *Torre Funerária do Monte Mozinho* (Penafiel), a *Torre de Almofala* (Figueira de Castelo Rodrigo) e a *Torre de Centum Celas* (Belmonte).

Esta área, sendo, no período romano, a cidade privilegiada dos vivos - a antiga cidade capital de *Sellium* - passa, no tempo medieval, para o espaço sagrado reservado à oração e ao sono eterno do homem.

### 3. O SOLO SAGRADO

As poucas fontes escritas e arqueológicas permitem-nos analisar e compreender a paisagem medieval deste espaço vivido, por vários grupos cristãos, que procuravam a protecção e segurança da igreja.

É em tempo de calma que a vida urbana ou proto-urbana de *Sellium*, sob o domínio visigótico, recupera nos meados do séc.VI, através da unidade política e religiosa e de um só reino, um certo fulgor económico e social bem patenteado nos vestígios de arte escultórica e arquitectónica conservada em Tomar. Os elementos decorativos<sup>16</sup> e as fontes históricas<sup>17</sup> fornecem-nos achegas preciosas para o estudo da comunidade romano-visigótica durante os sécs.VI-VII d.C.

O topónimo "*Selio*" aparece, no "*Paroquial Suevo-Parochiale Suevicum*" (ano 561), aplicado a uma das sete igrejas da diocese conimbricense, subordinada à metropolita de Braga, capital do reino suevo e sede episcopal.

É neste contexto de organização eclesiástica do Noroeste Peninsular, sob a acção evangelizadora do bispo dumienne, *S. Martinho de Dume*, que situamos o núcleo social e religioso das populações de *Selio* ou *Célio*, permitindo o crescimento e expansão da Igreja. A forte influência de S. Martinho de Dume manifestar-se-á também no plano artístico, pela construção de vários edifícios sacros, mormente após a conversão dos visigodos ao cristianismo (Concílio de

<sup>16</sup> Cf. PONTE (Salette da) *et alli*, Tomar na Arte Antiga, "*Bol. Cult. e Inf. da C.M.T.*", Tomar, 1983 (n.º5), pp. 105-170; Cf. ROSA (A. de Sousa Amorim), *História de Tomar*, Vol. I, Tomar, 1965, pp. 25-31; Cf. PONTE (Salette da), Presença paleo-cristã em Tomar, comunicação apresentada na IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, em Lisboa, 1992.

<sup>17</sup> Cf. BARREIRA (Fr. Isidro de), *Histórias da vida e martyrio da gloriosa Virgem Santa Iria, Portuguesa nossa...* Lisboa, 1618 (reed. Lisboa, 1939); Cf. Inquirição de D. Dinis de 1317, A.N.T.T., Gaveta XV, maço 3, n.º15; Cf. CARDOSO (J.), *Agiologio Lusitano*, Tomo II, Lisboa, 1657, p. 68; Cf. ST.ª MARIA (Frei Agostinho de), *op. cit.*, (nota 7) III, p. 461; Cf. SANT-IAGO (Fr. F.), *op. cit.*, (nota 1), pp. 828-829; Cf. GUIMARÃES (V.), *op. cit.*, (nota 1), pp. 150 e 181; Cf. DAVID (Pierre), *L'organisation ecclésiastique du royaume suéve au temps de San Martin de Braga*, "*Études historiques sur la Galice et Portugal du VIe au XIIe siècle*", Coimbra, 1947, pp. 19-44; Cf. Liber Fidei Sanctae Bracarenis Ecclesiae, ed. crist. por Avelino de Jesus da Costa, T. I, Braga, 1965, doc.ºs 10 e 11; Cf. S. TOMÁS (Frei Leão de), *Benedictina Lusitana*, ed por José Mattoso, vol. I, Lisboa, 1974, p. 477.

Toledo, em 589).

As peças ilustradas (Figs. 2-3) inserem-se, pela sua gramática estilística e iconográfica no período de apogeu visigótico, ou seja, no séc.VII-inícios do VIII. É crível que mosteiros e templos cristãos tenham sido construídos neste momento histórico de acalmia e prosperidade da comunidade romano-visigótica de *Selio*.

As peças lavradas e o documento régio de 1317<sup>18</sup> apontam para a existência de arquitectura sacra muito antes da edificação do Castelo Templário, em 1160. Estas peças esculpidas, tais como as placas de vedação decorativas, eram marcos que separavam o espaço litúrgico-santuário, reservado aos clérigos, da área que era destinada aos fieis. Estes elementos arquitectónicos, pelo estilo decorativo, são do séc.VII, post. 4<sup>o</sup> Concílio de Toledo, de 633, época a partir da qual se generalizaram as vedações do santuário.

As fontes históricas não nos permitem definir com rigor o espaço urbano ou proto-urbano de *Selio*, que inclui a área dos vivos e dos mortos. Supomos que esta agregaria o solo laico e religioso.

Os testemunhos arqueológicos recentes vêm confirmar que a comunidade romano-visigótica converteu a cidade romana de *Sellium*, num vasto espaço sagrado, onde se erguiam vários edifícios religiosos, sendo um deles, a igreja paroquial- *ecclesia* -. Estas construções sacras eram edificadas em honra de mártires e de santos, cujas relíquias guardavam. Referimo-nos aos mosteiros de S.<sup>ta</sup> Iria<sup>19</sup> e de S.<sup>ta</sup> Maria do Selho<sup>20</sup> e à capela de S. Pero Fins<sup>21</sup>.

Os enterramentos de inumação da comunidade romano-visigótica ocupavam as imediações dos templos cristãos, mais exactamente junto ao adro das igrejas. A

---

<sup>18</sup> Inquirição de D. Dinis, *op. cit.*, (nota 2)

<sup>19</sup> Vários autores referem-se à lenda e culto de S.<sup>ta</sup> Iria, martirizada em 653 - Cf. Fr. ISIDORO DA BARREIRA, *op. cit.*, (nota 17), Cf. VIEIRA GUIMARÃES, *op. cit.*, pp. 200-218 e *passim*; MARTINS (Mário), Estudos da literatura medieval, Braga, 1956, pp. 486-490; Cf. OLIVEIRA (Miguel de), Santa Iria e Santarém, "*Lenda e História*". "Estudos hagiográficos", Lisboa, 1964, pp. 7-55; Cf. Costa (Avelino de Jesus da), *Santa Iria e Santarém*, "Revista Portuguesa de História", n.º14 (1972), pp. 9-63, 521-530; Cf. ROSA (Amorim), *Santa Iria. Padroeira de Tomar*, "AUAMOC", Tomar, 1960, vol. IV, pp. 6-20; Cf. SALEMA (Vasco da Costa), Iconografia de Santa Iria, "*Bol. Cult. e Inf. da C.M.T.*", Tomar, 1985, n.ºs 8-9, pp. 51-87.

<sup>20</sup> Cf. Inquirição de D. Dinis, de 1317, onde jurado Pero Pombo chama a Santa Maria do Selho, ao mosteiro dos chamados "monges negrados". Sobre a igreja de Santa Maria do Selho ergue-se a actual igreja de Santa Maria dos Olivais, chamada também de Santa Maria de Tomar; Cf. A.N.T.T. - L.<sup>o</sup> dos Registos Contractos e Doações do Convento de Cristo, de 1229, (doação de Asseiceira - Comunidades e Alcaide de Tomar - Juiz e Oficiais da Câmara de Tomar) - Escritura de Pedro Ferreiro, de Asseiceira, fez a doação daquelas terras à Ordem do Templo, incluindo o *Olival de S. Martinho* "por manter uma lampada acesa em Santa Maria de Tomar em veneração de S. Felix, .... e o nosso fomo de Tomar" (Cf. *Anais do Município de Tomar*, (1137-1453) vol. VIII, Tomar, 1972, pp. 93-94.)

<sup>21</sup> Cf. Tombo da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria do Olival, Arqv.<sup>o</sup> A.N.T.T.

igreja paroquial constituía o pólo dinamizador do aglomerado urbano da cidade medieval, cujo urbanismo marcava o espaço sagrado e um espaço cemiterial.

Não existia no reino visigótico uma separação nítida do poder laico e religioso. Os bispos estavam sob as ordens dos *duces provinciales* ou dos *comites civitatum* (magnates palatinos) ou *gardingi* da corte régia, que administravam os territórios provinciais.

*Selio*, no entanto, pela "*Diviso Wambae*" dos finais do séc. VII<sup>22</sup>, passaria a paróquia da diocese conimbricense. Situava-se no limite sul daquela diocese e a egitaniense<sup>23</sup>.

É neste contexto geográfico e histórico, que a região seliense é designada pela primeira vez de "*Nabam*", "*Nambam*" ou "*Navam*".

É do topónimo *Namba* que provém o hidrónimo Nabão, bem como o nome da esplendorosa cidade cristã de *Nabância* ou *Nabança*, fenix da mitologia local do séc. XIV<sup>24</sup>, que renasceria das cinzas pagãs da antiga cidade romana de *Sellium*, depois *Selio* ou *Celio*, que deu nome ao templo cristão de S.<sup>ma</sup> Maria do Olival ou Olivais, o de S.<sup>ma</sup> Maria do *Selho*.

A invasão dos muçulmanos em 711 provocou a derrocada da monarquia visigótica, bastante fragilizada durante os meados do séc. VII, pelas constantes revoltas interiores endémicas da oligarquia goda, e pela autoridade crescente das igrejas paroquiais.

Cronistas árabes dos sécs. IX e X<sup>25</sup> relatam a entrega sem luta dos centros urbanos de Coimbra e de Santarém, a exemplo de outras cidades. É neste período de indefinição política, que se perde o topónimo *Selio* e aparece em seu lugar, o nome de *Thomar*, designação dada pelos árabes ao rio Nabão, segundo cronistas do séc. X e XII<sup>26</sup>. O nome de Nabão reaparece, a par de *Thomar Templariorum*, num documento de 1254<sup>27</sup>, onde são referidos paralelamente os

<sup>22</sup> A "*Diviso Wambae*" ou *Hitation* (de *Itatio* diferente de marcação de limites) - Cf. ALMEIDA (D. Fernando de), *Egitania*, p. 50, Lisboa, 1956. Era uma lista de demarcação de todas as paróquias do reino visigótico, com a delimitação das dioceses pelos 4 pontos cardeais. O monarca Wamba reinou entre 672-680.

<sup>23</sup> Cf. LIBER FIBEI, *op. cit.*, (nota 17), L. I, doc.º 9; Cf. DAVID (Pierre), *op. cit.*, (nota 17), pp. 1-4; Cf. GUIMARÃES (V.), *op. cit.*, (nota 1), p. 102.

<sup>24</sup> O Topónimo Nabancia é referido em doc.ºs do séc. XIV (Inquirição de 1317) e dos sécs XVI-XVIII (notas 7 e 17).

<sup>25</sup> Cf. ARAÚJO (Luis Manuel de), Os muçulmanos no Ocidente Peninsular, "*História de Portugal*" (dir. por J. Hermano Saraiva) vol. I, Lisboa, 1984, p. 250.

<sup>26</sup> Cf. Crónica do historiador cordovês (Al-Razi) Ahmad Al-Razi, falecido em 955, traduzida por ordem do rei D. Dinis (séc. XIV), seguida de uma tradução castelhana. Cf. *Chronica Gothorum* que regista o nome de *Thomar* ao descrever a derrota dos cristãos nesta cidade em 1137. "eventit infortunium super christianos in Tomar" (*Portugaliae Monumenta Historica a Saeculo Octavo Post Christum Usque ad Quintum Decimum. Scriptores*), vol. I, Lisboa, 1856, p. 12.

<sup>27</sup> Cf. LEAL (Manuel Pereira da Silva), *Memórias para a história eclesiástica do Bispado da Guarda*, Tomo, I p.3 - "*A nava de Juncoso, sive Nabão/fluvio qui fluit juxta castrum de Thomar Templarionum ...*"

dois topónimos, um designando o rio-Nabão- e o outro a região - *Thomar*.

Durante os sécs.VIII-IX a orgânica administrativa romano-visigótica foi substituída pela administração muçulmana. A região *Selio-Nabam* (Nambam ou Navam) integrou-se na *Kura* (distrito) de *Qulumriyya* (Coimbra), sede de distrito (*Kuwar*)<sup>28</sup>.

Julga-se que a conquista de Coimbra pelos cristãos (878-987) fez com que a região de *Selio-Nabam* passe para o domínio de *Santarin*.

Não existindo informações históricas bastante claras, muito mais obscuro se nos apresenta o painel sócio-económico das populações locais, até à Reconquista.

Houve neste período do domínio muçulmano conivência entre cristãos e muçulmanos, o que possibilitou a uma certa acalmia e conseqüente prosperidade da região. É assim que os cristãos conservaram os seus usos e costumes, as suas leis e as instituições civis e religiosas, a troco de uma tributação estabelecida<sup>29</sup>, bem como a permanência dos templos cristãos até à Reconquista.

Desconhecemos, no entanto, onde se situaria o casario e o cemitério da população moçarabizada desta região.

As informações históricas de que dispomos sobre a permanência de muçulmanos na região tomarense são bastante ténues e muito dispersas. Esta dificuldade não obsta à possibilidade de podermos reconhecer algumas marcas visíveis da presença muçulmana nesta região.

Referimo-nos à sobrevivência de numerosos topónimos<sup>30</sup>, à introdução e desenvolvimento de técnicas, de engenhos hidráulicos- açudes de estacaria e rodas hidráulicas<sup>31</sup>, de certas espécies vegetais, de culturas mediterrânicas, de usos e costumes ainda nos hábitos das populações tomarenses. Citemos ainda a exumação de uma moeda muçulmana, de 711, em prata<sup>32</sup>. Poder-se-á admitir,

<sup>28</sup> Cf. ARAÚJO (L. Manuel de), *op. cit.*, (nota 25), p. 253.

<sup>29</sup> Cf. MATTOSO (José), Os moçárabes, "*Fragmentos de uma composição medieval*", Lisboa, 1987, p. 27.

<sup>30</sup> Cf. FARINHA (Antonio Dias), Constituição para o estudo das palavras portuguesas derivadas do árabe hispanico, "*Portugaliae Histórica*", vol. I (1973), p. 262 (Albardão), p. 258 (Alecrim, Azambujal, Laranjeiras, Casal de), p. 252 (Aljube, Almoxarife), p. 260 (Almoinhas), p. 257 (Arrabal de, Azinhaga), p. 254 (Atalalias), p. 263 (Azenha); Cf. RIBEIRO (Orlando) Portugal e o Algarve. Singularidade de um nome de provincia, "*A formação de Portugal*", Lisboa, 1987, p. 108 (Algarvias).

<sup>31</sup> Cf. FERREIRA (Fernando), *Coisas simples da terra tomarense - O rio, os açudes e as rodas*, Tomar, 1976, p. 39; Cf. PONTE (Salette da), Tomar: História e geografia humanas no espaço e no tempo, "*Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade)*" Tomar, 1985, 1, pp. 13-25 (p.21). Estes autores admitem que este sistema hidráulico foi introduzido no período tardo-romano.

<sup>32</sup> Moeda achada à superfície no Forum de Sellium. Esta moeda é provávelmente contemporanea de algum destacamento do Oriente, junto às tropas que acompanharam Musa, o governador de África. Trata-se de um dirham de prata, dos califas omíadas de Damasco, batido na parte oriental do Irão. Diz ter sido em Sijistan no ano 92. Era uma das provincias da antiga Pérsia, fazendo hoje fronteira com o Afganistão.. A capital era Zarauj onde terá sido batido o espécimen - (Classif. e descrição apresentada pelo Dr. José R. Marinho).

no entanto, que o núcleo habitacional se situaria na colina da margem direita do Nabão e muito provavelmente num recinto amuralhado. As fontes, porém, não permitem averiguar se teria existido na colina onde se situa o Castelo Templário, um recinto fortificado ou uma fortificação anterior àquele Monumento. Constatamos sim que o Castelo, de forma poligonal, conserva, além da Porta de Almedina ou Porta do Sangue, e de alguns lanços de muralha anteriores às construções gualderianas, uma calçada de estilo moçárabe aproveitada para piso térreo do pátio interior, de acesso aos Paços Antigos ou Paço do Infante<sup>33</sup>.

Os mortos da cidade eram levados para as *maqbara* de fora de portas. O cemitério muçulmano deveria ficar nas imediações do actual Castelo Templário, ou em zonas próximas dos cemitérios cristão e judaico.

Os achados e a investigação arqueológica efectuada na Cerrada de João do Couto<sup>34</sup>, confirmam que esta vasta área foi o local cristão de enterramentos sucessivos desde o séc. V ao XVI d.C.

#### 4. RESULTADOS ARQUEOLÓGICOS

O terreno de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais foi, com a morte da cidade-capital de *Sellium* e nascimento de *Selio* suevo-visigótica<sup>35</sup>, cemitério do núcleo populacional aí residente, maioritariamente romano-visigótico. Desde então, ergueram-se vários edifícios religiosos que zelavam dentro e fora do recinto sagrado, pelo descanso eterno dos mortos.

A documentação escrita não menciona o sítio de enterramento dos árabes, judeus e moçárabes que residiam em Tomar, a par da comunidade romano-visigótica e cristã dos sécs. XII-XVI d.C.

Restam-nos os testemunhos arqueológicos recentes, que nos fornecem dados curiosos sobre o vasto recinto sagrado, situado na margem esquerda do Nabão (Fig. 4).

Localizamos enterramentos de inumação em pleno solo do Forum, após o seu abandono e destruição, datando do séc. V d.C. (Fig.5); outros, porém, bem mais tardios situam-se entre os sécs. VIII-IX d.C.

---

<sup>33</sup> Cf. PONTE (Salete da) e SILVA (Pedro L. da), Abordagem arqueológica dos Paços do Castelo dos Templários (sondagem 1985), "Bol. Cult. e Inf. da C.M.T.", Tomar, 11/12 (1989), pp. 55-76 (p. 65).

<sup>34</sup> Cf. VASCONCELOS (L. de), "O Archeologo Português", 1917, vol. 22. O autor refere que a Cerrada de João do Couto era uma propriedade do Conselheiro João Tamagnini Barbosa, chamada Serrazeda (31/10/1895).

<sup>35</sup> Cf. *História de Portugal* (dir. de José Mattoso), vol. 1, Lisboa, 1992, "A decomposição do mundo romano", pp. 323-338 (p.329).

As escavações efectuadas defronte da Torre Sineira de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais<sup>36</sup>, e do lado poente da via de Marmelais, forneceram-nos dados de datação segura, sobre vários enterramentos de inumação, datáveis entre os sécs. V/VI-XVI d.C., onde naturalmente detectamos a existência de vestígios romanos (Figs. 6-7).

#### 4.1. Testemunhos materiais: Alta Idade Média

Em Junho de 1990 fez-se uma prospecção electro-magnética no local<sup>37</sup> onde depois se efectuaram 2 campanhas arqueológicas, uma em 1990 e outra em 1992.

O mapa de resistividade aparente apresentava alguns alinhamentos que evidenciavam “uma clara ortogonalidade”, confirmada depois pela intervenção arqueológica.

Adoptou-se, então, para o terreno virgem, defronte da torre sineira, uma malha planimétrica com cerca de 800m<sup>2</sup> (40X20m). Os trabalhos efectuados em toda a extensão do terreno e, muito particularmente no sector A, forneceram diversos esqueletos humanos, orientados para nascente e correspondentes a vários enterramentos entre os sécs.V e XVI d.C. Todos eles foram enterrados a diferentes cotas do ponto 0 (Figs. 4.8-9), próximos uns dos outros, mas em níveis estratigráficos perfeitamente distintos.

Os muros achados em A1 e A1A correspondem a testemunhos romanos que foram aproveitados para o enterramento colectivo de cadáveres que conservavam algum material funerário, tais como moedas, brincos, pulseiras, colares e alfinetes de cabelo, em bronze e em prata.

Estes enterramentos à cota de 1.10-1.20 metros fornecem, pelos objectos que lhes estão associados, ora um *terminus post quem*, ora um *terminus ante quem*, da época em que aquele espaço se tornara cemitério do núcleo populacional cristão que ali residia, entre os sécs. V e o XII d.C. Destacamos como exemplo, as peças de adorno, de tradição visigótica e merovíngia.

Os esqueletos repousam directamente no solo, sendo aberta uma cova ovalada que servia de leito e de cafre ao morto. Em volta da cova aberta, o esqueleto era rodeado por pequenas pedras, sendo marcada a zona de cabeceira e a dos pés, com blocos afeiçoados, que provinham das estruturas antigas que

---

<sup>36</sup> A primeira campanha arqueológica realizou-se durante o mês de Outubro de 1990, com o apoio técnico científico da E.S.T.T. e do C.E.P.P.R.T..

A 2.<sup>a</sup> acção arqueológica teve a duração de dois meses Julho-Agosto, no ano de 1992.

<sup>37</sup> Equipa de Geofísica do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, coordenada pelo Eng.<sup>o</sup> Manuel Senas Matias. Foi usado “O método de mapeamento de resistividade aparente, utilizando o dispositivo Werner, com distância interelectrónica de 1.5 metros.

se encontravam em ruínas.

O esqueleto nº 2 da quadrícula A12 (Fig. 9) teve direito e honra a um caixão de madeira, deixando como vestígios materiais, uma série de pregos de ferro, registados “*in situ*”.

Não pudemos precisar com rigor, se a disposição destes enterramentos, aparentemente individuais, corresponderão ou não, aos esqueletos das quadrículas A1, A12 e A7, que formam espaços nucleares bem definidos, onde detectamos o enterramento colectivo de um homem (pai?), mulher (mãe?), adolescentes e crianças (filhos?).

Constatamos que os enterramentos a uma cota superior a 1.10 metros/ /90cms correspondem a um outro painel histórico, ou seja, ao período post Reconquista.

#### 4.2. Testemunhos materiais: Baixa Idade Média

A edificação do Castelo por D. Gualdim Pais em 1160 e o estabelecimento da sede da Ordem Templária, em Tomar, permitiram o repovoamento da região e, assim, o renascimento do agregado urbano extra-muralhas da Vila-Castelo. O aumento demográfico e a recuperação económica da região tomarense deuse, graças à estabilização política e social, nomeadamente a partir de D. Afonso II (1211-1223). É neste clima de tranquilidade que surge a construção da igreja de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais, na 2.<sup>a</sup> metade do séc.XII, onde existira o mosteiro de S.<sup>ta</sup> Maria do Selho. D. Gualdim Pais, Mestre da Ordem Templária foi aqui sepultado, em 1195<sup>38</sup>. Porém, não se sabe ao certo quando este local de enterramento restrito aos Cavaleiros da Ordem, se tornou aberto a toda a população. Por outro lado, a fome que, “assolou o país e, nomeadamente o Isento de Tomar, em 1202, e a peste que grassou esta mesma região”, em Agosto de 1206 (M.<sup>o</sup> 66 da Ordem de Cristo-Arq.<sup>o</sup> N.T.T.) dizimou uma vasta franja da população, cujos enterramentos tiveram lugar no terreno de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais, ultrapassando o átrio da igreja e o das 5 capelas contíguas<sup>39</sup>, que formavam o cemitério propriamente dito desta Vila. Ora, os testemunhos arqueológicos confirmam que o terreno de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais tornou-se no cemitério da Vila, muito provavelmente no último terço do séc.XII, mais exactamente no tempo de D.

<sup>38</sup> Cf. Arqv.<sup>o</sup> N.T.T.- L.<sup>o</sup> das Escrituras - 2.<sup>a</sup> parte (Cf. *Anais do Município*, VIII (1137-1453), Tomar, 1972, p. 58.

<sup>39</sup> A capela de S. Pero Fins (demolida em 1840); a de S. Pedro Apóstolo (situada entre a de S. Pero Fins a a de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais); a de S. Miguel, a poente da igreja paroquial e a par desta e à sua ilharga a capela de S.<sup>ta</sup> Maria Madalena; finalmente a capela de S.<sup>to</sup> Ildefonso (situada a sudoeste de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais).

Sancho I. O mobiliário funerário assim o sugere. Referimo-nos a moedas portuguesas, brincos, anéis e pulseiras achadas junto aos enterramentos de inumação<sup>40</sup>. Destacamos a presença de uma estela funerária, fragmentada que, reaproveitada, foi colocada à cabeceira do féretro, tendo gravada, numa das faces, uma cruz de braços curvilíneos (Fig. 10), e na outra uma estrela de 5 pontas, marcando o repouso de um esqueleto feminino, que se fez acompanhar de alguns objectos de adorno pessoal (Fig. 11-12).

Os enterramentos entre os reinados de D. Afonso III (Fig. 13), D. Afonso V (Fig. 14) e D. Manuel I foram encontrados respectivamente à cota de 87 a 72 cms e de 70 a 50 cms e de 50 a 40 cms. Os ceitis que aparecem associados aos esqueletos adultos<sup>41</sup>, não só os datam como também confirmam que este local continuou a ser o cemitério da população cristã.

Outro aspecto importante a reter é que estamos na presença de enterramentos sucessivos e, muito provavelmente perante núcleos de agregados familiares dizimados, ora pela fome, ora pela peste, ora pela guerra<sup>42</sup>, que assolou esta região, pelo menos 300 anos<sup>43</sup>.

Foram assinaladas densas manchas de enterramento colectivo, onde são notórios esqueletos de crianças, adolescentes e adultos, de ambos os sexos.

Resta-nos, no entanto, aguardar pelo resultado de análise osteológica de vários esqueletos exumados, a fim de podermos revelar com precisão, para

---

<sup>40</sup> Na quadrícula A1, A1A e A1B foram encontrados com os esqueletos de idade adulta, dos sexos masc. e feminino, vários achados funerários, tais como moedas, alfinetes de cabelo e brincos (A1, A1A, A1B).

<sup>41</sup> Na quadrícula A2, o esqueleto n.º1, tinha um ceitel de D. Afonso V, o qual conservava restos de tecido vegetal, muito provavelmente de linho, roupa do morto ou a mortalha que o envolvia.

O esqueleto n.º2, de idade adulta e masculino, tinha um ceitel de D. Afonso V; o esqueleto n.º1 de A7, de idade adulta e feminino, com altura de 1.20 metros tinha brincos e um anel; o esqueleto n.º2, de idade adulta e masculino de A7 tinha uma moeda de D. Afonso V. Este tinha 1.72 metros.

O esqueleto n.º1 de A1 é de idade adulta, masculino, tendo associado 1 moeda de D. Manuel I; o esq. n.º1 do A12 é de idade adulta e feminino, tendo associado 1 ceitel de D. Manuel I; tinha 1.55 metros de comprimento e conservava na omopla direita 1 alfinete de cabelo, em bronze.

<sup>42</sup> Refira-se a 2.º incursão das almoadas em 1190, tendo saqueado e incendiado casas e culturas na zona exterior às muralhas da vila - Cf. *Portugal na Espanha Árabe*, org. por António Borges Coelho, vol. III, Lisboa, 1973, pp.311-315, que transcreve Ibn Khaldun e a chancelaria almoada.

<sup>43</sup> Cf. *Anais do Município, op. cit.*, (nota 38), p. 66. Em 1202, "A Grande Fome" - Alcaide de Tomar" - Arqv.º N.T.T., Ordem de Cristo - Convento de Tomar - M.º66; Cf. *id. ibidem.*, p.70 - *A Peste assolou em Agosto de 1206* Arqv.º N.T.T. - Conv.º de Tomar, M.º66 da Ordem de Cristo; Cf. *id. ibidem*, p.445 - *D. Henrique e Ceuta - A Peste* "; Cf. *Arquivo Segreto Vaticano. Regestum Supplicatione*; Cf. *id. ibidem* ., VIII (1454-1580), Tomar, 1971, p. 29 - "*Capela de S. Sebastião - A Peste* " (1645). Foi feita nos começos de 1465 e demolida cerca de 1905 - Cf. Arqv.º N.T.T.. . Testamento do Martins Gil; Cf. *id. ibidem* ., VIII (1454-1580), p. 75 - "*A Peste em Tomar - Sacristão do Convento - Contador do Mestrado* " - Arqv.º N.T.T. Gaveta 7, M.º18. N.º1; L.º12 da Reformação das Gavetas; Cf. *id. ibidem* ., p. 367, *A Peste* (1565) - Arquivo Histórico da C. M. Lisboa - Livros de Reis-VIII; Cf. *id. ibidem* ., p.337 (*A Peste* ) - Houve nova epidemia de peste no verão de 1569 parece que bubónica - Cf. Arq. Hist. da C.M.L. - Livros de Reis - VIII; *id. ibidem*, p.383 - *Peste*, em Janeiro de 1571; Cf. Arq. Hist. da C.M.L. - Livros de Reis-III.

além do tipo, da idade e do sexo, as causas (fome, peste, guerra, etc.), que motivaram o enterramento colectivo - vala comum -, "*ad sanctos*" em determinados períodos históricos, detectando também outras doenças que provocaram deformidades ósseas dos sepultados.

Em suma, os enterramentos efectuados entre os meados do séc.XII e XVI no cemitério cristão de Tomar, fornecem-nos um painel das vicissitudes históricas desta comunidade, que, quer sob a alçada da Ordem Templária, quer sob a Ordem de Cristo, estiveram em luta quase permanente com a fome, a peste e a guerra.

O reduto defensivo templário foi cercado em 1190 pelos almóadas, saqueando e incendiando casas e cultivos extra-muralhas da Vila.

A chancelaria almóada<sup>44</sup> refere-se a acção económica templária nesta região, transformando-a numa zona rica e fértil, com vinhas, árvores de fruto e excelentes terrenos de cultivo.

Os confrontos entre cristãos e muçulmanos provocavam, porém, inúmeras privações de desenvolvimento económico, criando um clima de instabilidade entre as populações residentes. A fome, a peste e o insucesso agrícola concorreram para entrar o crescimento demográfico e económico. O surto da peste e da fome foram, no entanto, vencidos, graças à política estabilizadora dos reinados de D. Afonso II e de D. Sancho II, que afastaram do reino português o flagelo almóada.

Outros acontecimentos históricos tiveram repercussões em Tomar, e que afectaram a população tomarense. Referimo-nos aos efeitos da peste negra, em 1348<sup>45</sup>, aos tumultos de 1373 e 1379, por descontentamento com a política fernandina<sup>46</sup>, e o novo surto de peste, em 1493<sup>47</sup>.

É certo que a investigação arqueológica não permite, de momento, apresentar um painel exaustivo dos efeitos políticos e sociais que motivaram inúmeros mortos, de entre os cristãos que foram a enterrar no cemitério público, em S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais.

---

<sup>44</sup> Cf. A Chancelaria Almóada; *op. cit.*, (nota 42), pp. 314-315.

<sup>45</sup> Cf. CONDE (Manuel Silvio Alves); *Tomar Medieval. O espaço e os homens (Sécs. XIV-XV)*, Lisboa, 1988, p. 32; Cf. Arqv.<sup>o</sup> N.T.T., Ordem de Cristo, cod. B-51-41, fls. 38v-39). O autor refere à preocupação do infante D. Fernando pela existência de pardieiros na principal rua da vila, em 1466.

<sup>46</sup> Cf. *id. ibidem.*, *op. cit.*, (nota 45), pp. 33 e 62.

<sup>47</sup> Cf. A.N.T.T., gaveta VII, maço 18, n.<sup>o</sup> 1 (CF. VIEIRA GUIMARÃES, *op. cit.*, pp. 192-193).



Fig. 1 — Pormenor da base da torre sineira, assente num maciço argamassado.



Fig. 2 — Placa de vedação. Finais do séc. VI - inícios do VIII. Achada entre S.<sup>ta</sup> Iria e S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais. Depositada no Claustro da Lavagem do Convento de Cristo (Tomar).

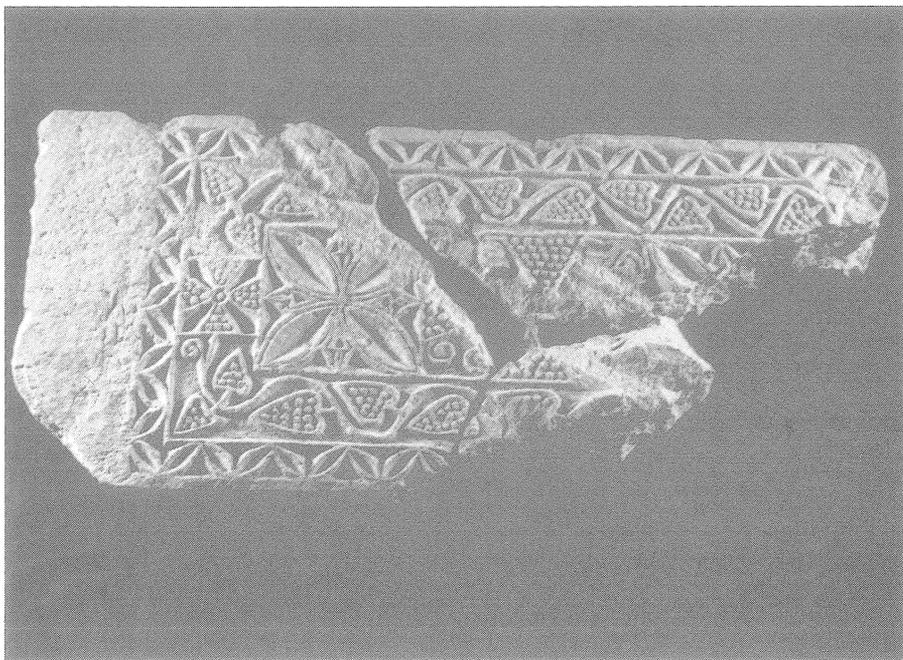


Fig. 3.— Placa de vedação. Séc. VII. Achada nas imediações da Igreja S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivais. Depositada no Cl. da Lavagem.

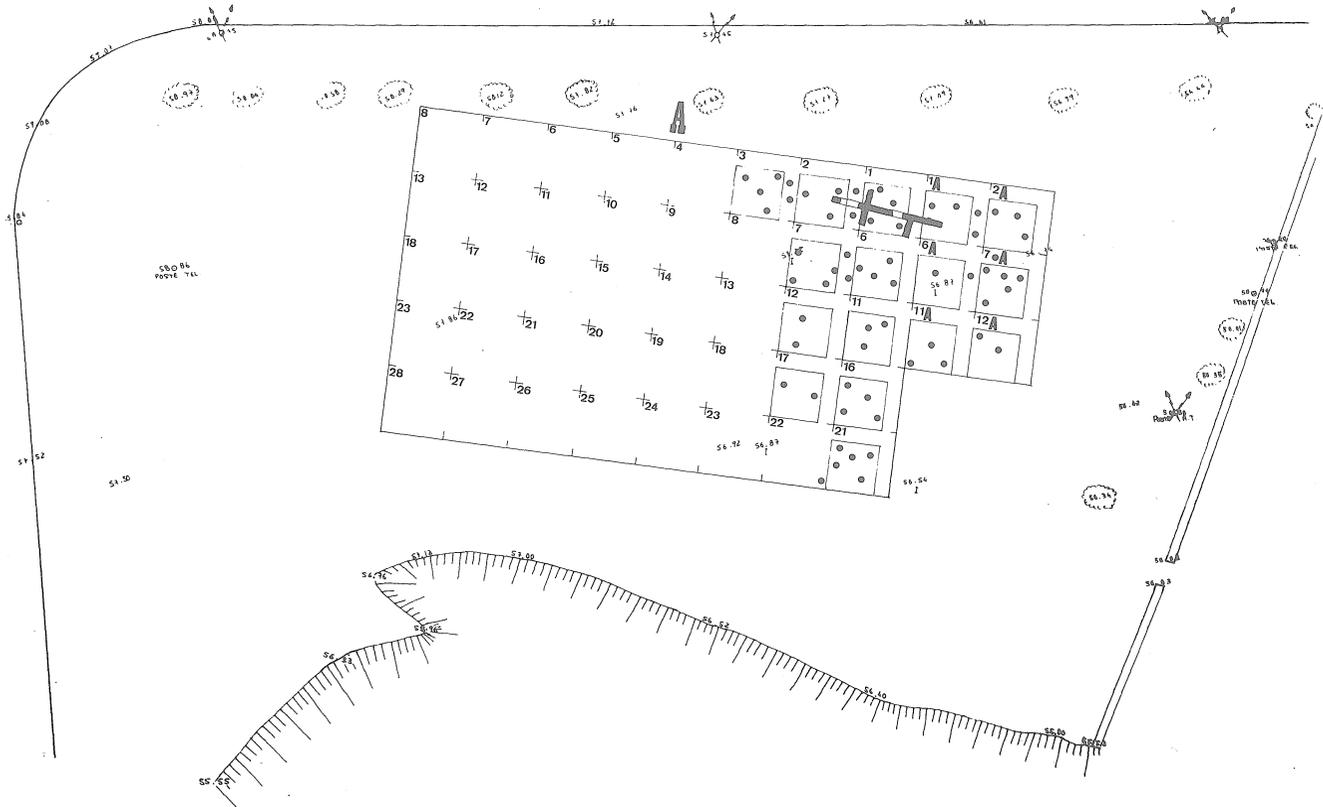


Fig. 4 — Levantamento topográfico do Cemitério de S.ª Maria dos Olivais.  
Cada unidade da quadrícula utilizada: 4 m de lado.

Est. IV

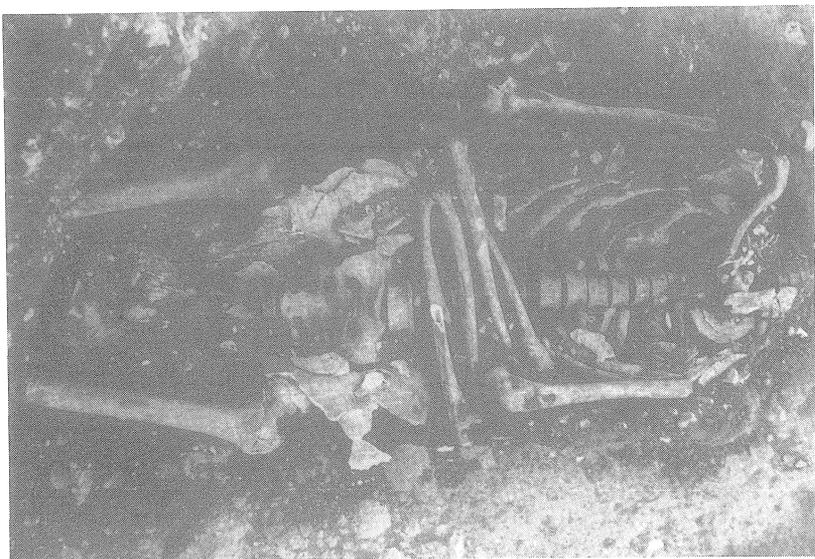


Fig. 5 — Esqueleto masculino encontrado no Forum. Séc. V d. C.

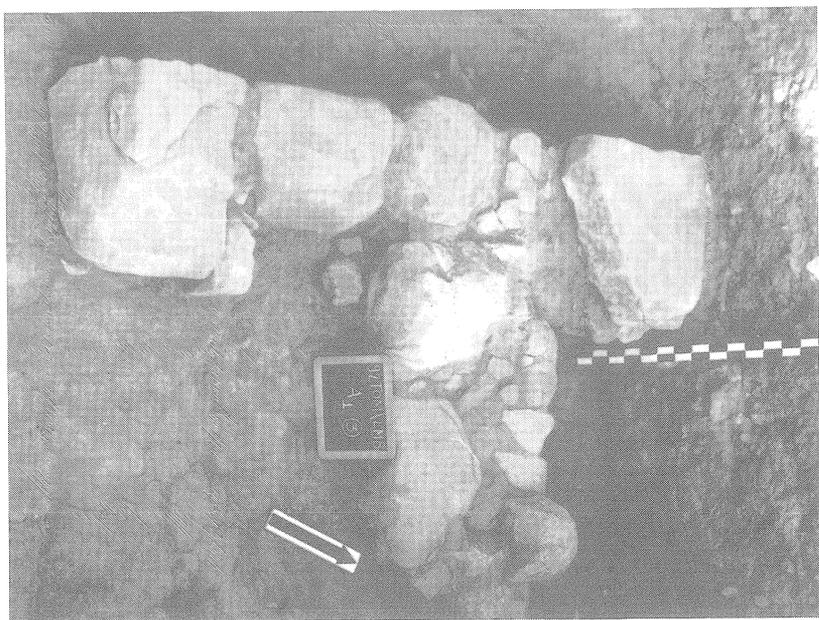


Fig. 6 — Alicercas romanos aproveitados para enterramentos de inumação - A1 (3).  
Post. D. Afonso III.



Fig. 7 — Esqueletos de homem e mulher - A1 (3). Post. D. Afonso III.

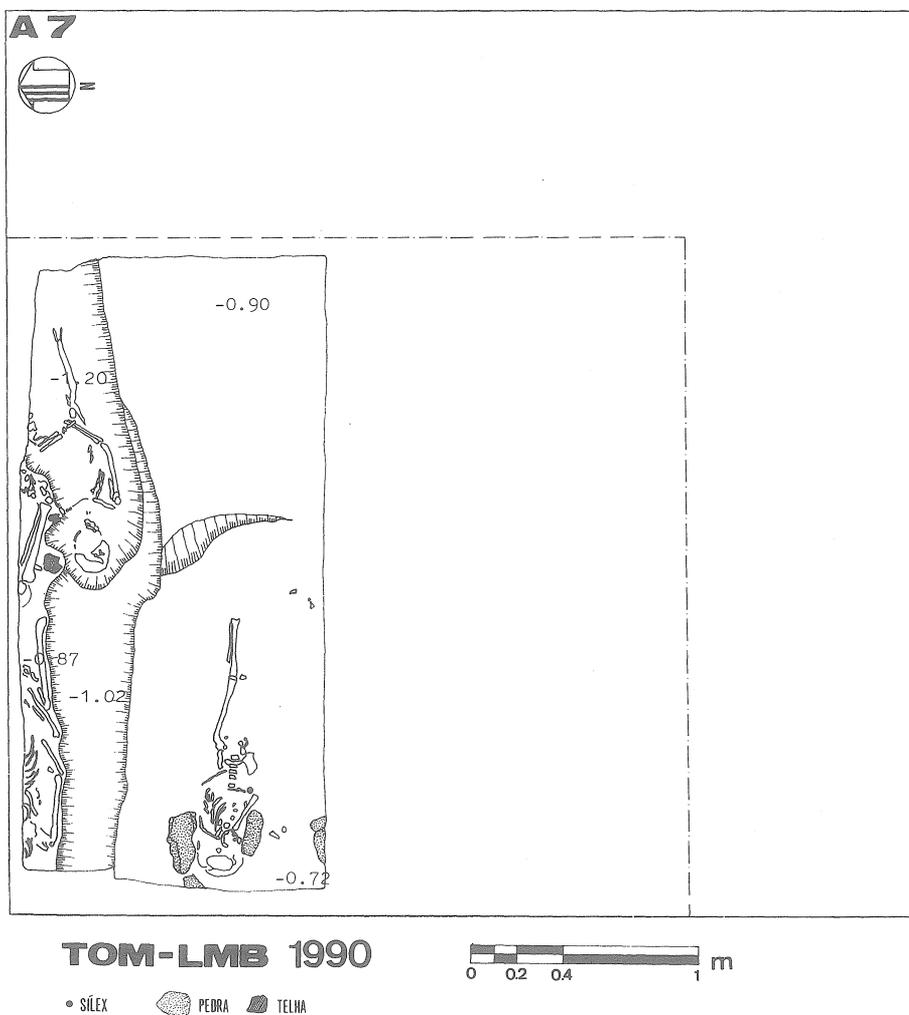


Fig. 8 e 9 (esta última na pág. seguinte) — Desenho de esqueletos achados a cotas diferentes (A7 e A12).

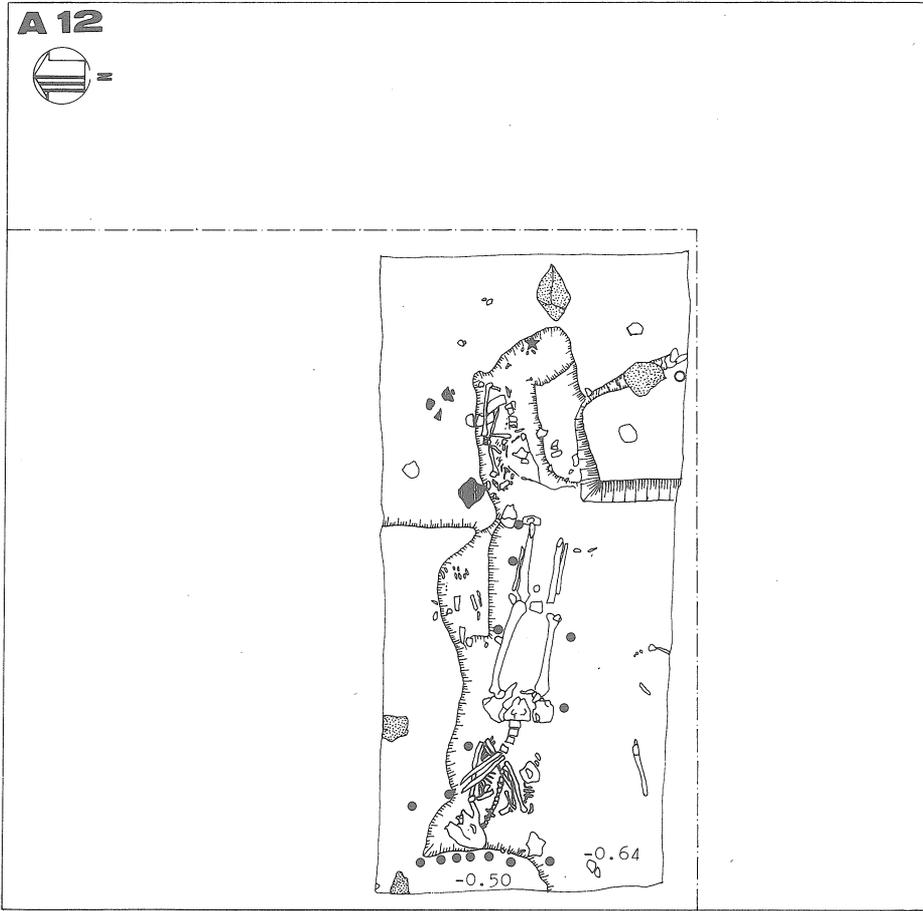


Fig. 9



Fig. 10 — Fragmento de estela funerária de sepultura feminina  
A1. Banq. Sul (3). Post. D. Afonso III.

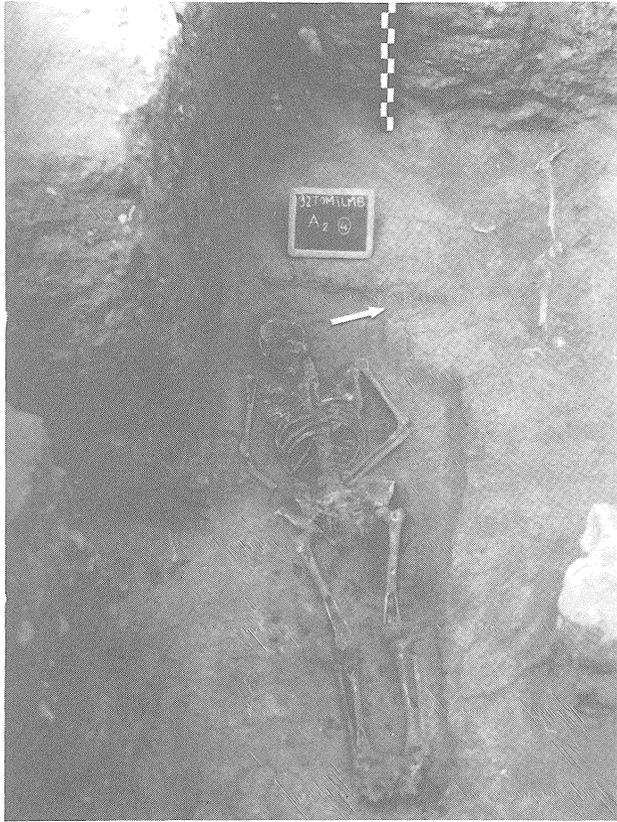


Fig. 11 — Esqueleto de mulher associada a  
objectos de adorno A2 (4).  
Post. D. Sancho I.

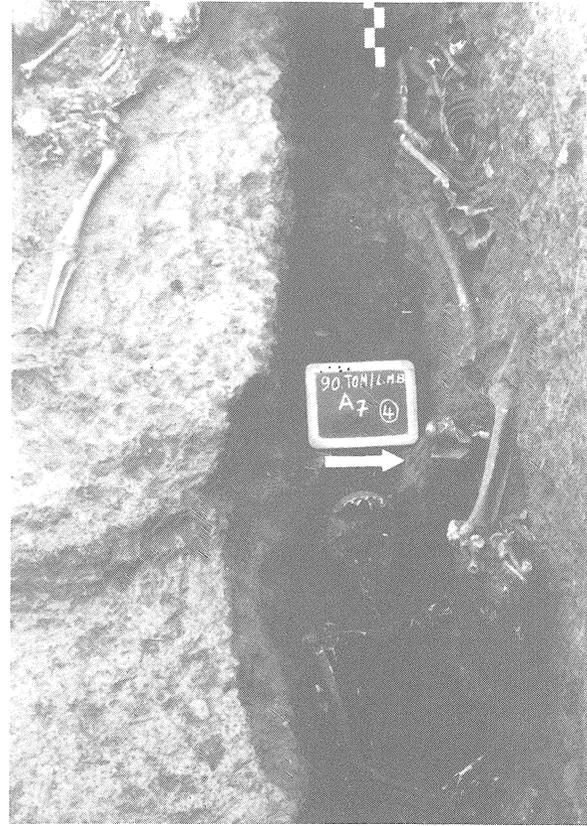


Fig. 12 — Vários enterramentos de adolescentes  
e mulheres, com objectos de adorno pessoal  
- A7 (4). Post. D. Sancho I.

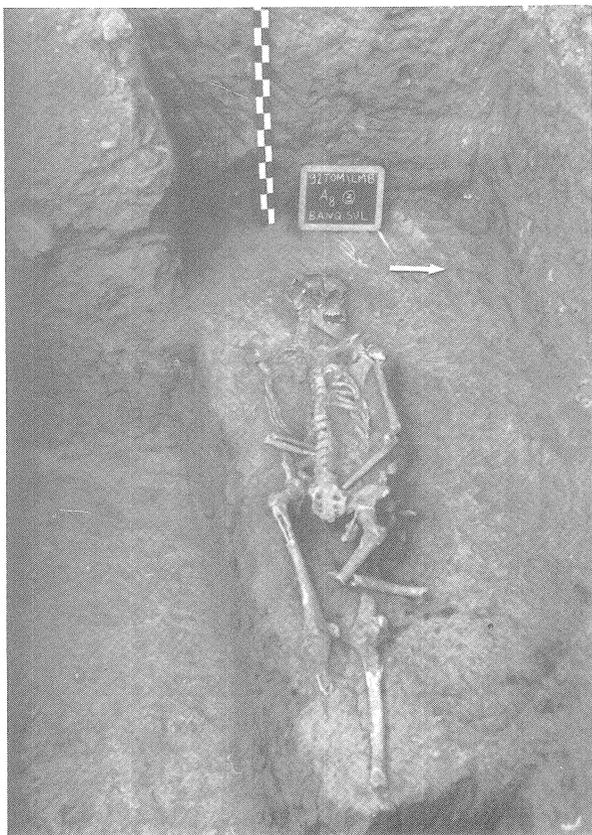


Fig. 13 — Esqueleto de homem - A8. Banq. Sul (3). Post. D. Afonso III.



Fig. 14 — Esqueleto de adolescente - A11 (2). Post. D. Afonso V.